

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ANTIGUIDADES TRANSMONTANAS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1943 | Número: 53

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Antiquidades Transmontanas. *Revista de Guimarães*, 53 (1-2) Jan.-Jun.1943, p. 109-116.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Antiguidades transmontanas

I — Fragmento de um torques.

O ourives flaviense Sr. José Simões Cruz, detentor de um magnífico *torques* de ouro aparecido na Veiga de Chaves, que publicámos no vol. XXVII (1942) dos «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», acaba de adquirir parte de um outro torques, encontrada nas vizinhanças da povoação de Tourém, do Concelho de Montalegre.

Trata-se de um dos remates terminais do aro de um colar rígido (Vide fig. 1). É de ouro em liga com prata, e tem o peso de 10,6^g3. Apresenta a forma campanular, obtida ao tórno com regularidade perfeita e notável elegância de linhas. Na extremidade superior, onde ligava ao aro, a peça está bastante deteriorada; todavia, ainda mostra uma parte do ornato que a decorava, constituído por dois cordões circulares concêntricos, um deles formado por uma série de pequenos gômos ou fusos esféricos, obtidos talvez por fundição, e o outro por uma série de aninhos minúsculos ligados entre si e soldados à peça, para o que teriam sido previamente enfiados como as contas de um colar.

Na face plana circular da extremidade oposta, com 13^{mm} de diâmetro, a ornamentação representa um trísceles em movimento dextrorsum, formado por um fio de ouro ali soldado (Vide fig. 2). Um fio de igual calibre contorna a periferia do círculo, envolvendo o trísceles. É especialmente êste ornato simbólico, tão característico da nossa Cultura dos castros da Idade do Ferro, que imprime ao presente achado um particular interesse. O suástica de braços espiraliformes é freqüente, como sabemos, nos monumentos de carácter

religioso, artístico ou funerário dos tempos lusitano-romanos, mas a tradição deste símbolo, ao que parece de origem oriental, é muito mais remota. Teve larga expansão na Península e penetrou, talvez com a migração celta, até ao extremo Ocidente. Tornou-se quasi

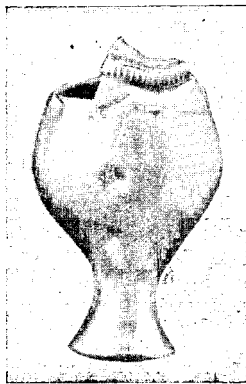


Fig. 1 — Remate de ouro de um colar rígido, aparecido em Tourém (Montalegre).

Tam. nat.

um sêlo, uma marca inconfundível da nossa Cultura castreja, embora perdurasse até aos primeiros tempos do Cristianismo (1).

Desconhecemos as condições em que se deu este achado. Sabemos apenas que a formosa peça arqueológica de joalharia primitiva apareceu na região de Tourém, e foi vendida ao Sr. Simões Cruz, que, na faina do seu comércio ouriveseiro, percorre tôdas as feiras das vizinhanças de Chaves, e assim tem oportunidade de adquirir estas raridades, por certo em magníficas condições de preço.

Tourém é uma povoação raiana, situada numa estreita bôlsa do nosso território penetrando em terra espanhola, dedo apontado a meia distância entre o

(1) Comte Goblet d'Alviella, *La migration des symboles*, Paris, 1891, p. 41 e ss.

Larouco e o Gerez (1). Fica a 15 km. a NW de Montalegre e a 4 km. a S. da povoação espanhola de Calvos de Randin. Uns 500 metros a N. passa o Rio Salas,



Fig. 2 — Ornato da face plana do remate do colar de Tourém.

Ampliado ao dôbro do tam. nat.

correndo no sentido E-W., vindo dos flancos occidentais da serra do Larouco e afluindo ao Lima, pela margem esquerda, ainda em território espanhol, próximo da povoação de Lovios.

Neste vale do Salas e vertente oeste do Larouco é que o Investigador espanhol D. Florentino Cuevillas, escudado nãs indicações de Plínio, localizou o território dos *Equésios* (2), entre a tribo dos *Galecos* estabelecidos no vale do rio Homem e na serra do Gerez (3),

(1) É interessante verificar que, apesar das ordens rigorosas que impedem a passagem, em qualquer ponto da fronteira, a espanhóis e portugueses, existe um benévolo consentimento tácito, da parte das nossas autoridades policiais e fiscais, no trânsito de espanhóis pelo território português, nesta região, pois encurtam muitíssimo o caminho atravessando essa faixa de Portugal, de uns dois quilómetros de largura, quando seguem da povoação de Randin para as de Guntemil e Requiães, ou vice-versa; e o mesmo regimen de *porta-aberta* é adoptado em Espanha, para com os portugueses que passam pelo território espanhol, num percurso de 4 quilómetros, quando vão directamente de Montalegre a Tourém, ou daqui para Montalegre. O uso fez lei, neste caso.

(2) F. Cuevillas, *Estudos encol da Edade do Ferro no NW da Península. As tribus e a sua constituzon politica*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», Compostela, vol. VI, 1933-34, pág. 274.

(3) Idem, *ibidem*, p. 275.

e a dos *Límicos*, que ocupavam o extenso vale que rodeia a Lagoa Antela, a N. de Ginzo de Límia ⁽¹⁾. A cidade dos *Equaesii* ficou assinalada na célebre inscrição da Ponte de Chaves ⁽²⁾.

Não deixa de ser oportuno recordar aqui também que uma das estátuas de guerreiros lusitanos existentes no Museu Etnológico, procedente de Montalegre, ostenta um torques ao pescoço, o que vem confirmar, como é natural, o uso deste adorno, ou insígnia de chefes, nos tempos proto-históricos, na região onde agora apareceu a peça áurea de que acabamos de dar notícia.

II — Contas policromas de pasta vítrea.

Em S. Caetano, do Concelho de Chaves, onde supomos existir, por escavações ali realizadas há pouco, uma estação visigótica ⁽³⁾, apareceram, num campo vizinho, algumas contas policromas de pasta vítrea, de um tipo bastante conhecido dos arqueólogos, mas cuja cronologia êstes não conseguiram ainda fixar definitivamente. Ao que parece, o achador, um humilde rústico do Lugar, encontrou talvez um colar completo, pois a notícia que chegou até nós referia-se a diversas contas enfiadas num fio metálico, acrescentando o informador que êsse fio *não era de ouro*. Vê-se que o primeiro cuidado foi, como do costume, averiguarem se o metal encontrado era ouro ou não. Precavido e manhoso, o campónio, convidado a mostrar o que achara, cedeu a custo duas contas (Vide fig. 3), alegando pertinazmente que já não sabia das restantes. Adquirimos assim apenas uma, que destinamos ao Museu de Martins Sarmento ⁽⁴⁾, e a outra,

(1) M. Macias, *Civitas Limicorum*, in «Boletim de la C. M. de Orense», vol. I.

(2) Hübner, *Corpus Inscr. Latinarum*, vol. II, n.º 2477.

(3) Vide «Rev. de Guimarães», vol. LII, 1942, p. 237.

(4) Evidentemente que, se em Chaves existisse um Museu público, era aí que os achados arqueológicos da região deveriam naturalmente recolher. Como não há, o dever de todos os que têm o culto do estudo do passado é salvar estes objectos da ruína certa ou extravio.

a maior das duas, obteve-a para si o Sr. Capitão António Magalhães, companheiro habitual das nossas excursões e reconhecimentos arqueológicos pelos arredores de Chaves. Na curiosa opinião do boçal achador de tão importante jóia arcaica, certamente perdida para a ciência, estas contas são de *ouro encantado!* Razão porque terá sonogado as restantes que porventura encontrou, e que irá oferecendo, vendendo ou

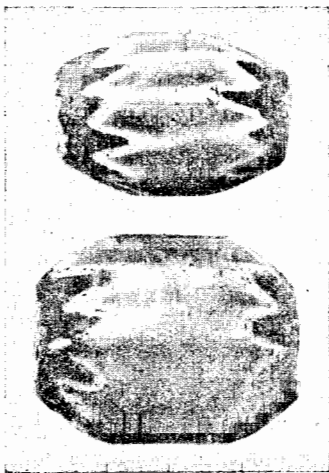


Fig. 3 — Contas de pasta vítrea, aparecidas em S. Caetano (Chaves).

Tam. nat.

perdendo, uma após outra, desmanchando assim todo o colar e inutilizando, dêste modo, um conjunto que seria precioso e único!

A antiguidade, origem e processo de expansão dêste tipo de contas de colar constitue um problema de arqueologia, ainda sem solução. Como os fenícios praticaram em larga escala a indústria do vidro, querem alguns investigadores que estas contas chegassem à Hispânia, por intermédio de Cartago, nas suas relações comerciais com a Península, ou mesmo trazidas directamente pelos próprios fenícios (fôsem produtos seus ou de procedência egípcia), nas suas primeiras viagens para o Ocidente. A verdade é que

se afigura pouco verosímil a influência fenícia ou púnica nestas paragens do NW. da Península, principalmente em meios cujas características arqueológicas não permitem admitir o menor sincronismo com a data da remota chegada das naves de Tiro à Ibéria, que segundo se depreende de textos gregos e romanos, aliás muito posteriores, teve lugar cêrca do ano 1000 a. C. Quanto à ocupação cartaginesa fêz-se principalmente em tôda a costa do Levante, e no sul, até ao Cabo de S. Vicente. No resto da costa atlântica os testemunhos arqueológicos de contactos directos são já muito raros, e nulos para o norte da foz do Mondego (!). No interior a influência púnica dilue-se ainda mais, manifestando-se apenas por alguns achados esporádicos, surgindo aqui e além, os quais possivelmente eram produtos de um comércio indirecto.

Desconhece-se, portanto, como dissemos, o centro de fabrico destas contas, espalhadas por diversas regiões da Europa, como se ignora se datam da Idade do Bronze ou do Ferro, se foram realmente trazidas à Península pelos Cartagineses ou pelos Romanos, ou se remontam apenas à época medieval. ¿E porque não serão elas de origem visigótica? Conhecida como é a predilecção que os Bárbaros manifestavam pela sumptuosidade na indumentária, e o largo uso que faziam da indústria do vidro na joalheria, aplicado por exemplo nessas opulentas fivelas de cintos que aparecem nas suas necrópoles, não custa admitir que o colar aparecido em S. Caetano seja mais um indício a favor da suspeita formulada de que ali existe, de facto, uma estação visigótica.

Que a origem de fabrico destas contas era uma só, parece querer demonstrá-lo a constância de características mantida em todos os exemplares conhecidos. Como tôdas as contas dêste tipo, os exemplares aparecidos em S. Caetano têm a forma ovoide, e são constituídos por uma série de camadas de pasta vítrea, apresentando, do centro para a periferia, as seguintes côres: o tubo central do enfiamento, com o tom

(!) A. Garcia y Bellido, *Fenicios y Carthagineses en Occidente*, Madrid, 1942, p. 74.

esverdeado; sôbre êle uma camada branca opaca; nova camada de vidro verde claro, seguida de outra branca opaca; sôbre esta, uma mais espessa, vermelha escura e também opaca, coberta por sua vez de nova camada branca; e, finalmente, a exterior, azul escura. Também como nos demais exemplares, as duas contas que estamos descrevendo apresentam precisamente dôze pontas ou bicos em zig-zag, e os tôpos são, igualmente como em tôdas, aguçados em seis facetas. E, na verdade, notável esta absoluta regularidade da técnica do fabrico! Só a procedência da mesma oficina a pode explicar. Apenas no tamanho estas contas variam. Dos exemplares a que nos estamos referindo, a conta mais pequena tem o comprimento de 30 mm., a espessura máxima de 22 mm., e o calibre do tubo de enfiamento é de 3,5 mm.; a maior tem 33 mm. de comprimento, 27 de espessura e 5,5 de largura do tubo central. O pêso desta é de 42 gr., e o da mais pequena apenas de 20 gr. Possivelmente a maior seria a conta média do colar, decrescendo as outras de tamanho para as extremidades.

Entre nós, ocuparam-se, com particular competência, do estudo dêste conhecido tipo de contas de colar, os falecidos e saúdosos mestres de arqueologia portuguesa, Dr. Rui de Serpa Pinto ⁽¹⁾ e Dr. Félix Alves Pereira ⁽²⁾, como já anteriormente tinham merecido a atenção dos notáveis Arqueólogos Estácio da Veiga ⁽³⁾ e Gabriel Pereira. Também, em 1934, o Engenheiro e Professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto, Sr. Dr. Rosas da Silva, descreveu uma destas contas, encontrada no Castro de Sabroso, que ofereceu ao Museu de Martins Sarmento ⁽⁴⁾.

Na região de Trás-os-Montes apareceram mais

⁽¹⁾ R. de Serpa Pinto, *Etnografia arqueológica*, Pôrto, 1932.

⁽²⁾ F. Alves Pereira, *Contas policrômicas de pasta vítrea*, in «Portucale», vol. VI, Pôrto, 1933, p. 24, 72 e 118.

⁽³⁾ Vide *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol. IV, p. 264, est. XXXII.

⁽⁴⁾ Rosas da Silva, *Conta de vidro policromo encontrada no Castro de Sabroso*, in «Revista de Guimarães», vol. XLIV, 1934, p. 35.

algumas contas policromas iguais a estas, em Vila da Ponte. Encontrou-as, há anos, o Sr. P.^o Manuel Baptista, distinto professor do Liceu de Fernão de Magalhães, em Chaves, e Cura ilustrado daquela Paróquia, oferecendo-as seguidamente ao Sr. Dr. Mendes Correia, para o Museu de Antropologia da Universidade do Pôrto. Foram descobertas à margem de um ribeiro afluente do Rabagão. Aquela zona de Vila da Ponte, Venda Nova, Venda dos Padrões, etc., no velho trajecto romano de Braga a Astorga, por Chaves, está repleta de vestígios de antiguidades, especialmente de castros. Um dêstes, a cêrca de dois quilómetros da Venda Nova e a um quilómetro a norte de Codeçoso, recorta-se distintamente à beira da estrada, na margem esquerda do Rabagão e numa curva tão apertada dêste rio que fica quási por completo cercado pelo seu curso e, ao mesmo tempo, separado do relêvo orográfico a que pertence por um profundo fôssó rectilíneo, praticado artificialmente. Sempre que naquela estrada passamos em viagem, dá-nos na vista êsse pequeno castro tão interessante, que supomos ainda virgem de qualquer exploração.

Chaves, Maio de 1943.

MÁRIO CARDOZO.